

Trajetórias de bailarinos e pesquisadores revelam desafios, práticas de formação e impactos do racismo

Por Mayariane Castro

A trajetória de artistas da dança evidencia caminhos de formação marcados pela busca por oportunidades e pela percepção de desigualdades estruturais no setor. Relatos de bailarinos e pesquisadores mostram como a presença negra no campo artístico permanece condicionada por barreiras que influenciam audições, contratações e políticas culturais, que impossibilitam pessoas negras de acessar certos lugares. No Dia da Consciência Negra, o Correio da Manhã conta histórias de artistas que superaram tais barreiras, e da luta que eles ainda hoje enfrentam contra o preconceito.

Arte pela igreja

O bailarino e professor Gabriel Lira iniciou sua formação na igreja ainda na infância. Ele frequentou atividades artísticas desde os dois anos, seguindo uma tradição comunitária que integrava dança, teatro e apresentações musicais. Ao longo de 18 anos, participou de grupos, coordenou ensaios e assumiu funções de liderança com bailarinos de diferentes idades ainda no contexto religioso. Ele atribui a esse período o desenvolvimento de habilidades de improvisação, criação coreográfica e gestão de equipes.

Aos 15 anos, Lira decidiu profissionalizar-se e buscou aulas fora do ambiente religioso. Entre 2017 e 2019, frequentou aulas de dança contemporânea na escola onde estudava no Distrito Federal. Com a pandemia de 2020, migrou para aulas online de balé e contemporâneo de forma independente. Nesse período, manteve práticas de danças urbanas e contemporâneas que já realizava na igreja, com formação básica oferecida pela instituição.

Em 2021, retomou atividades presenciais e conquistou uma bolsa para estudar contemporâneo com Inara Ramos, artista preta renomada e conhecida no Distrito Federal, no estúdio Have Dreams. No fim de 2022, passou a ter aulas de dança contemporânea com Renato Fernandes em duas escolas, mantendo o treinamento até meados de 2025. No mesmo período, recebeu bolsas para estudar balé clássico com Ian Vira e contemporâneo com Isabela Campos, permanecendo até o fim de 2023.

A partir de 2024, ingressou na Bailacci Cia, onde passou a integrar o elenco e frequentar aulas de balé, contemporâneo e jazz ofertadas pela escola. Em janeiro de 2025, foi convidado para a companhia Corpus Entre Mundos, voltada para a dança afrocontemporânea, kuduro e danças afrodiaspóricas. No segundo semestre de 2025, ele entrou também para o Corpo Coreográfico do projeto Arte Jovem, em Ceilândia.

Consciência

Gabriel Lira traz consigo em sua arte um pouco de cada pessoa com quem ele fez aula e de cada local onde ele se dispôs do seu trabalho e papel de bailarino profissional. Especialmente aqueles que abriram portas que ele jamais imaginaria alcançar. Um marco em sua percepção sobre representatividade negra no mundo da dança ocorreu em 2021, quando assistiu a um espetáculo da companhia Corpus Entre Mundos. Para ele, a presença majoritária de bailarinos negros e diretores

PRESENÇA NEGRA MUDA CENÁRIO DA DANÇA



Gabriel Lira: a luta para que o balé não seja uma “arte branca”

negros no elenco evidenciou possibilidades de atuação pouco vistas em outras companhias do Distrito Federal.

Lira relata episódios de exclusão em processos seletivos, onde ele havia sido substituído em trabalhos mesmo após aprovação em audições e assinatura de contrato por bailarinos brancos. Segundo ele, práticas como audições direcionadas ou substituições motivadas por critérios raciais ainda ocorrem. “Muitas das vezes os bailarinos negros não passam simplesmente por ser negros, a não ser que a direção precise de bailarinos negros no elenco por um motivo específico, ou que seja um trabalho em novembro que vai falar sobre a consciência negra. Assim, eles precisam do elenco negro para isso, porque, em outros momentos, eu já havia sido contratado, e mesmo com o contrato assinado, já fui trocado por outros bailarinos brancos”.

Passinhos do Brasil

A pesquisadora e professora Jô Gomes, mestra em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e idealizadora do projeto Passinhos do Brasil, com atuação hoje em São Paulo, também

descreve experiências que evidenciam assimetrias no setor. Sua primeira referência negra na dança foi em 2012, com o professor de hip-hop e streetdance Israel Paixão. Em 2015, teve contato com outros professores negros vindos da Bahia, que influenciaram sua formação e a trouxeram até onde ela está hoje.

Jô Gomes destaca que, historicamente, o mercado da dança não acolhe de forma ampla artistas negros e periféricos. Segundo ela, esse cenário impulsionou a criação de movimentos e iniciativas próprias, como a cultura ballroom, o funk e o passinho, que emergiram como alternativas para circulação artística e geração de trabalho. Ela observa que, mesmo com maior visibilidade do funk no cenário internacional, os dançarinos seguem com poucas oportunidades formais e que esta vertente da dança ainda sofre com muito preconceito.

Companhias negras

A pesquisadora relata que muitas companhias negras foram criadas diante da ausência de abertura em estruturas consolidadas em outros contextos, como o do balé clássico. O projeto Passinhos do

Brasil foi concebido com o objetivo de promover eventos focados nas danças da cultura funk, diante da constatação de que bailarinos raramente são incluídos na mesma proporção que DJs e MCs em festivais e programações artísticas.

A pesquisadora entende a dança como meio de preservação e atualização de memórias históricas, sobretudo aquelas que expressam experiências de resistência e continuidade cultural. Segundo ela, movimentos corporais transmitem narrativas que muitas vezes não são registradas pela linguagem verbal, conectando passado, presente e futuro.

“A dança, pra mim, é uma forma de me conectar com o passado e produzir um presente e um futuro melhor. Em que as nossas movimentações contam histórias, memórias, fatos que, às vezes, nem as palavras conseguem expressar, nem pela fala, nem pela escrita. Então, é o movimento, é a dança, que comunica muitas das nossas histórias, sejam histórias de prosperidade, de abundância, de riqueza, de poder, mas também as nossas histórias de dor e de luta, porque todas as danças urbanas, por exemplo, foram criadas em contexto de muita opressão social”, explica.



Lira relata casos de exclusão de projetos por discriminação

Racismo na vida

Jô afirma ter vivenciado situações de racismo no ambiente da dança assim como em outros campos da vida. A bailarina relata um episódio ocorrido durante uma oficina em um festival de grande porte, quando foi questionada pelo diretor do evento sobre o conteúdo de uma música utilizada, mesmo em versão sem palavras. Segundo ela, a interpretação feita pelo organizador estava associada a estereótipos sobre artistas negros e de periferia e ao conteúdo consumido. O episódio incluiu comentários sobre conduta, tom de voz e comportamentos atribuídos à artista, o que ela identifica como prática discriminatória.

Para a pesquisadora e artista, é necessário que o setor reconheça as danças de tradições negras como centrais na criação de linguagens contemporâneas e urbanas assim como outras danças. Ela observa que, embora essas danças sustentem grande parte da inovação estética mundial, artistas brancos ainda ocupam majoritariamente o lugar de referência e não há a mesma quantidade de oportunidades.

Jô Gomes afirma que o protagonismo precisa ser de quem produz, mantém e desenvolve essas práticas. “Gostaria que o protagonismo das danças das culturas negras fosse dado às pessoas negras que estudam, que criam, que desenvolvem, que mantêm essas culturas vivas, que estão sempre inovando essas danças. Acredito que o mundo da dança precisa aprender a respeitar as pessoas negras que são as protagonistas e devem sempre ser as protagonistas das culturas negras”.

Equidade

Os relatos mostram que ambos os bailarinos de diferentes localidades do país têm encontrado caminhos para formação e atuação profissional, apesar de barreiras estruturais. As experiências apresentadas apontam para a necessidade de políticas públicas que descentralizem recursos, ampliem oportunidades e promovam equidade racial no campo da dança.

Ao descreverem suas trajetórias, Lira e Gomes evidenciam práticas recorrentes no setor, desde processos seletivos restritivos até ausência de espaços artístico-culturais nas regiões periféricas. Ambos destacam que iniciativas comunitárias e coletivas têm atuado como alternativas para romper com limitações impostas pelo mercado formal, impulsionando modos próprios de criação e ocupação de espaços.

As perspectivas dos artistas sugerem que a ampliação de oportunidades depende tanto de investimentos em formação quanto do reconhecimento das danças negras como parte estruturante da produção cultural brasileira. Para eles, a valorização dessas práticas pode contribuir para trajetórias mais diversas e para o fortalecimento de artistas que, historicamente, enfrentam barreiras no acesso ao mercado cultural.

O cenário relatado oferece um retrato das dinâmicas que atravessam o campo da dança, marcado por iniciativas independentes, disputas por espaço e busca por reconhecimento. As narrativas destacam transformações em curso e apontam para debates sobre representatividade, políticas culturais e condições de trabalho que seguem presentes na rotina de artistas.



Jô Gomes: mercado da dança não acolhe negros da mesma forma



Jô criou o projeto Passinhos do Brasil, espaço de representação da arte negra